

São Cristovão-SE/Brasil  
21 a 23 de setembro de 2011

# V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



ISSN 1982-3657

## **ANCESTRALIDADE COMUNALIDADE E APRENDIZAGENS: LINGUAGENS DOS MITOS INAUGURAIIS NA COMUNIDADE QUILOMBO MUCAMBO.**

**Rogério Lima Vidal\***

### **RESUMO**

Este trabalho tem a intenção de socializar algumas experiências na comunidade Quilombola do Mucambo na região do Oeste Baiano no período de 2010. Nas primeiras páginas trago algumas noções sobre os mitos e como ele se apresenta nas civilizações tradicionais principalmente a Africana seguido pelas contribuições de Luz (2005); Oliveira (1995). Em seguida trago algumas percepções sobre a comunidade e suas tradições religiosas e narrativas míticas de origem segundo Rezende (2005). Finalizo o estudo com os achados da pesquisa amparado a escolha metodológica que consistiu na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, segundo Chizzotti (2006). A coleta de dados foi filtrada pelas técnicas de observação participante e de grupo focal com as 16 crianças da 4ª série da Escola Dr. Abílio Faria pertencente à comunidade.

Palavras Chaves: Mucambo, Mitos, Educação escolar.

---

\*Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC. UNEB – Departamento de Educação campus I.

Pessoa\_vidal@yahoo.com.br (71) 87444-2583

## **RESUMÉ**

Ce travail a comme intention de partager certaines expériences dans la communauté Quilombola do Mucambo dans la région ouest de Bahia durant la période 2010. Dans les premières pages je relate quelques notions sur les mythes et comment ils se présentent dans les civilisations traditionnelles principalement africaines suivies par les contributions de Luz (2005); Oliveira (1995). Ensuite je relate certaines perceptions sur la communauté et ses traditions religieuses et narratives mythique d'origine d'après Rezende (2005). Je finalise l'étude avec les résultats de la recherche soutenue au choix méthodologique qui résulte dans la recherche qualitative de caractère ethnographique, selon Chizzotti (2006). La collecte des données a été filtrée par les techniques d'observation participative et de groupe de discussion avec les 16 enfants de la 4ème série de l'Escola Dr. Abílio Faria qui appartient à la communauté.

Mots clés: Mucambo, mythes, education scolaire.

---

\*Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC. UNEB – Departamento de Educação campus I.  
Pessoa\_vidal@yahoo.com.br (71) 87444-2583

# 1 INTRODUÇÃO

Para um melhor entendimento do que proponho discutir em referência a este patrimônio dinâmico e de comunicabilidade atuante na comunidade do Quilombo Mucambo utilizados pelas crianças, trago algumas noções sobre o que consiste o mito e suas interpretações para as culturas de matrizes africanas transplantadas para o Brasil.

Um dos elementos que compõe a estrutura de pensamento de atuais e antigas civilizações é o mito que conjecturado e aceito na sociedade que o produz, torna-se um elemento que dá sentido à vida de todos e que de diferentes maneiras o interpretam. O mito como unidade viva na elaboração coletiva de uma comunidade é indissociável da mesma, sendo capaz de construir e erguer cidades, fundar espaços de vivências comunitárias e criar singularidades nos seus indivíduos, que nutridos por suas elaborações definem suas identidades. O mito é também um recurso na celebração da ancestralidade vinculado à memória e ao continuum civilizatório de diversos povos. Principalmente entre os povos africanos que tomam no sentido mítico o reconhecimento tanto do lugar histórico, lúdico e principalmente educativo o discurso do mito onde tudo se liga a tudo.

Os mitos para alguns povos Africanos se constituem em elementos de comunicabilidade dispostos como a primeira interpretação de mundo em que através de diversas e complexas práticas de interpretação correspondem aos desejos, respostas e orientação de caminhos, soluções de alguma situação atendida. Assim os mitos são apaziguadores das relações, pois os mesmos podem introduzir o equilíbrio e ao mesmo tempo dar condições de estruturar os primeiros caminhos das interpretações das causas naturais, sociais, políticas de uma sociedade. Na antiga Grécia a função dos mitos referia-se aos conhecimentos prévios da química, física, astrologia e matemática. As aquisições de conhecimentos para suprir as necessidades daquele período eram com a participação das experiências que as mitologias traziam. A formação do cidadão e os seus momentos de participação da vida social estavam sempre voltados aos mitos.

Assim, cada sociedade em seus estágios de formação teve e têm em seus mitos inaugurais formas similares e ao mesmo tempo diferentes de criar suas produções satisfatórias garantindo suas sobrevivências,

Estes conhecimentos de matrizes africanas transportadas para as Américas pelo tráfico transatlântico e ressignificados no Brasil, sofrem desprestígio social, intelectual e cultural

pelas matrizes de origem eurocêntrica que menosprezam os conhecimentos e valores pertencentes a outros nichos de formação civilizacional.

As mitologias africanas estão presentes e vivos no convívio do povo de santo através do culto aos orixás onde o continuum civilizatório africano- brasileiro encontra passagem. São através dos Itáns (mitos) traduzidos nas danças, rezas, nos ensinamentos da vida litúrgica para a vida cotidiana que as raízes africanas estão embutidas em todos nós. Os mitos africanos correspondem a saberes, portanto é também a soma de conhecimentos lidos de uma comunidade ou civilização. Para alguns povos africanos o mito é o precedente corresponde à primeira leitura.

Neste aspecto torna-se a forma de conhecer e entender o mundo e poder interpretá-lo de acordo as convenções sociais que estruturam um grupo uma sociedade. A riqueza existente neste universo de códigos e linguagens tem entre outras funções o caráter educativo, no sentido de orientar e produzir estruturas de conhecimentos dentro do próprio contexto onde os mitos são originados. Assim, estes podem garantir a sustentação da realidade vivida e compreendida pelos indivíduos que confere identidade, através da palavra falada, da dança, dos gestos e outras expressões corporais. O mito é materializado vivido entre todos que lhe conferem a condição de existir e permanece em fluxo contínuo e aceito por todos do grupo. Sabemos que as novas ciências do estado positivo dilaceraram estes conhecimentos e formas de ver, entender o com as outras formas de participar da compreensão do mundo como aponta Luz (2010)

A linguagem mítico-sagrada, nesta perspectiva positivista que denega a alteridade própria da população africano-brasileira, é vista como atraso e obstáculo à modernidade, ao mundo capitalista-industrial eurocêntrico... O discurso científico eurocêntrico totalitário passa a ser verdade, impondo à população africano-brasileira um processo de lavagem cerebral que procurará submetê-la aos seus valores. (Luz, Narcimária, 2010, pág. 40)

Os princípios e formas religiosas de diversas tradições africanas desmembradas nas Américas em decorrência ao tráfico de africanos durante séculos são vivenciados por muitas comunidades negras rurais, quilombolas contemporâneas e em particular as comunidades terreiros, que representam elos de afirmação dos vínculos de sociabilidade entre os seus

membros. Segundo Oliveira (1995) “Na Afro-América, especialmente no Brasil, o legado africano se expandiu de tal forma que vivemos da mesma maneira os princípios e valores desta tradição civilizatória.” Portanto, estas tradições africano-brasileiras quando elaboradas pelos membros destas comunidades nos momentos festivos, religiosos e nos próprios fazeres cotidiano trazem em seus contextos socialmente vividos a materialidade do mito. E todos estes saberes se estendem para fora dos perímetros do seio comunitário, dialogando com outras comunidades, redondezas como uma troca de saberes. Os membros compartilham estas vivências em conjunto a outras situações sociais e laços familiares que são apresentadas nos modos de viver de cada um.

Rezende (2005) destaca para a afirmação dos laços comunitários e fortalecimentos dos sentimentos de união entre os membros da comunidade, através das festividades religiosas e o destaque para a troca de bens simbólicos entre todos, materializados pelas relações de companheirismo, sociabilidade e lideranças comunitárias. “Os membros de um terreiro estão inseridos concomitantemente em dois mundos com valores diversos e em permanente interação: o terreiro e a sociedade abrangente” (Rezende, Alice, 2005, pág.37) Assim, as tradições religiosas e os mitos fundantes dessas comunidades trazem repertórios e símbolos que são absorvidos por todos do entorno comunitário e falam de um lugar e demarcam seus territórios culturais nos textos falados, nas músicas, nas danças, na produção artesanal com formas próprias e inter-independentes.

## **2.0 O TRAÇADO METODOLÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO E CAMINHOS DA PESQUISA**

Por opção metodológica que conduziu este estudo tomei como base as contribuições de Chizzotti (2006) no campo da abordagem etnográfica cujo suas referências podem conduzir a observação sistemática sobre as complexas relações existentes nos interiores da comunidade e além ter percebido que, sob a minha ótica, esta foi a modalidade de pesquisa que melhor se adequou à realidade vivida.

Compreendendo a comunidade como a caixa de ressonância e de relação desses e de outros saberes, percebo a necessidade de uma ancoragem epistemológica em um paradigma crítico de ciência capaz de dar conta da complexidade da pesquisa, nisso, referencio-me na “teoria crítica” de Chizzotti (2006) cuja reflexão aborda a pesquisa em ciências humanas como norteada pela busca sistemática e rigorosa de informações a fim de identificar à lógica e a

coerência de um conjunto, aparentemente, esparso e sem nexos de dados em busca de “encontrar respostas fundamentadas a um problema bem delimitado”.

A comunidade quilombola do Mucambo encontra-se localizada na região oeste da Bahia compreendendo as aproximações com o cerrado, suas terras são contempladas pelas águas doces e agitadas do Rio Grande, este que além de favorecer a manutenção para o cultivo dos alimentos para as famílias, oferece aos moradores diversão e frescor para os tempos quentes. É nas margens do Rio Grande que roupas são levadas e lavadas e com elas os repertórios dos mitos sobre o Nego D'água e da Mãe D'água que habitam nestas águas doces e agitadas. As crianças do Mucambo que brincam mergulhando nestas águas encontram nelas os brinquedos os jogos as formas de se divertir em coletividade, harmonia, sociabilidade onde o lúdico se funde com o imagético.

É nestas águas que separa e ao mesmo tempo liga o Mucambo das outras fronteiras do perímetro urbano da cidade de Barreiras, que se elabora a diversão das crianças propiciando pelas suas ondas, pedras, ponte, galhos e peixes, que se como brinquedos imaginados e produzidos, não são encontrados e nem comprados pelo mundo capitalista e nem produzidos pelas tecnologias de automação. Feitos no momento exato da diversão, acrescido de técnicas próprias que só as crianças dominam, são, portanto o poder do conviver aperfeiçoado com as técnicas do nascido na comunidade. Os galhos secos as duras pedras os bancos de areias, são os valores preciosos legitimados para este grupo de crianças e adultos que já viveram estes momentos, enriquecidos de símbolos que irá aguçar seus sentidos auxiliando para a vida futura.

O Rio Grande é a bacia placentária onde todos mergulham, bebem, se nutrem pelos peixes ofertados das suas entranhas e locas de pedras e de onde, se criam o povo Mucambense. É nas beiradas do rio que conduz para o Mucambo que se ouvem as belas histórias sendo elas os polos irradiadores das origens da comunidade.

A palavra Mucambo é originária das regiões Banto na região do oeste africano que em Quimbundo significa abrigo, esconderijo ou cumeeira. A formação da comunidade quilombola Mucambo na região de Barreiras é composta por dois troncos familiares: Vieiras e Catulas.

O termo Catula com traço linguístico mais aportuguesado é de origem Banto de designação Quimbundo (Katulás) que significa cortar ou aparar. Os pertencentes da família Catula traz em seus traços fenóticos e fisionômicos característicos fundamentais de seus antepassados assim como a continuidade das suas tradições e saberes. Quanto aos significados de origem da comunidade alguns moradores designam como lugar para se amocambar, fugir

para sempre. Os mais antigos moradores falam que os seus antepassados providos de outras regiões se amocambavam nesta região o Rio Grande, pelas corridas épocas suas águas eram bem mais abundantes dificultava a travessia das tropas de buscas, sem contar com a existência na época de muitas narrativas que sinalizavam para os perigos existentes nesta região.

Esta terceira margem do estudo procurou identificar as possíveis manifestações referentes aos mitos africanos e às narrativas afro-brasileiras existentes na comunidade do Mucambo e como estes mitos e narrativas são expressos para a contribuição da identidade étnico-racial e o pertencimento local das crianças. Para tanto, utilizei como recurso com as crianças a técnica de grupo focal.

A partir dos registros das atividades pelo grupo focal não foram encontrados mitos africanos. Os mitos traduzidos pelas crianças são oriundos de diversas regiões do Brasil, a exemplo do Nego D'água, da Mãe D'água do Pé de garrafa e do Saci, personagens que povoam o universo cultural brasileiro. As narrativas afro-brasileiras encontradas foram de substancial relevância nas formas como as crianças apresentaram. Elas são designadas como Festa do Divino, Festa de Reis, Festa de São Gonçalo e os Festejos juninos, que no Brasil têm sua origem através dos contatos entre as culturas europeias, africanas e indígenas. As figuras abaixo mostram algumas produções feitas por crianças do grupo ao retratar um dos mitos locais:



**FIGURA I - MITO DO NEGO D AGUA E O CURUPIRA**



O aspecto festivo correspondente às tradições culturais- religiosas que são mantidas na comunidade do Mucambo representa a visão de mundo de seus moradores que através das danças, musicas, gestos simbolizados e outras expressões corporais repletas de significados, relembram o passado recriando a tradição no presente para dialogar com o futuro.

Assim, estas comemorações, folguedos e contos que unificam um grupo e sua comunidade, quando não são oxigenados pelos atores sociais que as corporificam, e pela ação política educativa de um grupo consciente destes valores e com todo o saber acumulado, passam a viver emoldurado pelo passado em um estado de tensão, tidos como não depositários de conhecimento, comunicação e saber de um povo.

Nas comunidades negras, rurais as festas representam momentos de socialização e integração, reunidos em torno do espaço de comemoração, se articulam em um conjunto de repertórios, de valores e comportamentos típicos de cada integrante. Apresento a seguir a representação da criança sobre os folguedos da comunidade:



**FIGURA II – FESTAS POPULARES**

Visto que as tramas e as histórias cotidianas que interagem no campo comunitário são produzidas a partir de relações de harmonia e tensão entre os moradores, uma força cíclica, reunindo códigos, símbolos, linguagem e as visões de mundo produzidas neste campo, que produzem outras leituras e são o que podemos denominar em uma noção de *comunalidade*, o agrupamento de diversas memórias coletivizadas e vivenciadas em relações subjetivas no cotidiano de seus moradores.

Esta espécie de aprendizagem das crianças, transmitidas pelos mais velhos, constitui-se em um currículo invisível que não se encontra instituído no interior do processo formal da educação, mas é presente na reelaboração cultural da comunidade. Os sentimentos de

pertencimento os princípios de conduta são materializados de maneira informal não explícito, a transmissão de conhecimentos pelas tradições possibilita o diálogo entre a comunidade e toda a sociedade envolvente, as festas são sempre recriadas e reinventadas, elaborando novos repertórios e atribuindo sentidos de vida que é necessário participar para conhecer.

Os mitos locais e as narrativas afro-brasileiras são transmitidos pelos familiares para as crianças. Essas narrativas são passadas através das produções para as crianças e são próprias de cada povo que as construíram, segundo o corpo de entendimento que compõem suas comunicações, é como o que ocorre no Mucambo, se dando através das festas culturais e religiosas e a labuta ressemantizada na cultura agrícola da colheita ao preparo e a mesa, todas operacionalizadas por um trabalho grupal e artesanal, derivando em sua manutenção econômica tendo como exemplo o corte da mandioca, a torrada da farinha e outros todos elaborados no espaço comunitário, constituindo-se em uma tradição. A figura abaixo mostra a tentativa do grupo de crianças em representar o lugar onde vivem, ou seja, a comunidade do Mucambo:



### FIGURA III - REPRESENTAÇÃO DO MUCAMBO

Os contos expressos a respeito das origens da comunidade são de grande importância para o referencial existencial do grupo e por que traz um corpo de memórias com elencos revestidos pela trama de quem narra, transmitindo para gerações posteriores.

Contudo, as narrativas sobre os processos de acesso a terra como também as relações que se estabeleceram na unidade dos sujeitos que compõem estas comunidades são da máxima importância. Pois, a memória social destes moradores conduz a reconstituir o seu

passado de surgimento, para que as futuras interpretações de outras gerações possam estar embasadas através de um cordão histórico que o corpo social dos sujeitos da comunidade teceu.

Assim, os relatos colhidos foram realizados, em princípio pelo corpo social da escola, integrando os professores e os alunos participantes deste estudo. Os depoimentos dos professores e também das crianças ofereceram algumas condições para poder pensar melhor o problema aventado pela pesquisa.

Desta forma, procurei entender como as crianças desenvolvem suas narrativas sobre a origem do Mucambo, o que elas sabiam sobre os significados da palavra Mucambo, e as relações delas com a comunidade.

Através de algumas atividades desenvolvidas pelo grupo focal constatei que os entendimentos que as crianças fazem a respeito da origem do Mucambo estão ligados à escravidão ou a morada dos escravos. As crianças oriundas da comunidade trazem na sua formação familiar e extra-familiar ou nas relações formais produzidas pela escola, através de seu currículo formal, narrativas de procedências históricas com elencos africanos que são contados em diversas formas e que são mantidos pelos moradores e por ventura os próprios professores da escola. Estas narrativas são revividas em conjunto com os mitos locais, nas vozes das crianças da escola com ênfase na apropriação de um discurso que é próprio dos moradores.

Como os seus traços evidenciam se tratar de uma comunidade que guarda em seus condicionantes locais, histórico-temporais e fenótipos as evidências de uma comunidade negra rural, percebi no estudo que a maioria das pessoas que compõem a comunidade do Mucambo apresenta dificuldades na aceitação positiva de sua afro-descendência. Isto é constantemente percebido em algumas falas de negação da origem do povoado, sendo atitudes contraditórias ao fato da existência de manifestações culturais, linguísticas e religiosas de matrizes africanas que ocorrem na própria comunidade. Esses elementos são traços bastante relevantes na demarcação da etnia local, sendo perceptível a negação da condição de pertencimento racial no plano da afro-descendência e conseqüentemente a desapropriação destas discussões na comunidade. A imagem abaixo mostra o desejo do branqueamento e o estereótipo do conceito de beleza, a partir do padrão branco, eurocêntrico e a produção de uma das crianças sobre a indagação de como sou e como eu gostaria de ser:



**FIGURA IV – COMO EU QUERIA SER...**

As festas encontradas na comunidade são narradas com um estado de reviver aquilo que foi produzido pelos participantes. As crianças do referente estudo trouxeram através das ilustrações as manifestações culturais e religiosas que fazem parte do etnos da comunidade, pois estas participam e se envolvem ativamente.

As narrativas e mitos de origem que propus a discutir interpretados como veículos de transmissão de conhecimentos caracterizados em formas de contos de passagem particular e coletivo, pelos seus narradores em suas *comunalidades*. A ausência de “concretos registros”, ou melhor, fontes costumeiramente “oficiais” elaboradas por algum estudo aprimorado cientificamente deram espaço para a corporificação da história desta comunidade pela sua matriz fundante, o seu povo, pois sem eles e seus apanhados de verdades que geram o lugar nada seria construído e revivido.

### 3.0 CONCLUSÃO

Identifiquei a existência relativa às manifestações dos mitos locais e narrativas afro-brasileiras pertencentes à comunidade, presente nas expressões das crianças, nas brincadeiras, nas músicas ou nas danças, provenientes do cotidiano escolar. Elas refletem as nuances da valorização dos mitos africanos e das narrativas afro-brasileiras externas ao trabalho pedagógico, como formas de sustentação da identidade local num processo de desenvolvimento de um currículo invisível no espaço escolar, o que contribui para a valorização deste patrimônio humano e imaterial, fortalecendo a identidade local, e as vivências das crianças na comunidade, consolidando a reafirmação de sua identidade interpessoal e intergrupala.

Trabalhar com os mitos africanos e as narrativas afro-brasileiras, sem que a postura de valorização dos mesmos não represente uma conversão religiosa, proveniente daquele contexto, não representa superioridade destas cosmovisões em detrimento de outras, mas repensar a necessidade de trabalhar em sala de aula e em outras atividades pedagógicas os valores provenientes das culturas de tradições de matrizes africanas providas da diáspora negra.

Outro fato que aprofunda as evidências de uma comunidade constituída pela formação do processo civilizatório africano no Brasil é a existência de duas famílias no Mucambo: Vieira e Catula. A palavra Catula vem do quicongo, *Katula* ou *Katular*, de procedência dos povos da etnia Banto, significa cortar, derrubar. Sendo que muitas famílias de acordo com os depoimentos colhidos pelos professores descenderam deste tronco familiar.

É importante destacar que a riqueza das falas, o interessante em participar da pesquisa possibilitou conhecer melhor a comunidade, sua história e a partir deste conhecimento compreender o objeto de estudo e alcançar os objetivos propostos.

A escolha deste tipo de abordagem que privilegia os contos míticos de origem e as próprias práticas comunitárias mantidas no povoado representa os caminhos para as novas percepções e aprendizagens no contexto da escola e no chão da sala de aula com as crianças. Pilar esses conhecimentos de produção da existência do mundo negro-brasileiro e poder distribuí-los para as futuras gerações significa trazer novos olhares e práticas para as tradições africano-brasileiras para a honra da memória de seus ancestrais, representando a busca pela reafirmação existencial da continuidade dos valores, linguagens, formas sociais e identidade cultural da sociabilidade africana. Distribuído e socializando o seu alimento para todos de dentro e de fora da comunidade.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcio Nery de. **Viver a comunalidade na escola**: Para além das habilidades e competências do Currículo Escolar\Marcio Nery de Almeida-Salvador, 2007.

ALMEIDA, Marcio Nery de. Novo Horizonte, Caminhando Para o Futuro: Arkhé, Comunalidade, e Pedagogia Iniciática. **Sementes, Cadernos de Pesquisa**. V.1, n.1, (jan./dez. 2000). Salvador: Departamento de Educação UNEB.

BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília; Ministério da Educação 2005.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, p. 25-44, 1986.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá**: dinâmica da civilização africano-brasileira.

Salvador. Centro editorial Didático da UFBA: Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil. P.11/ 33, 1995.

LUZ, Narcimária C. do Patrocínio. **Pássaros inaugurais**: expansão dos princípios femininos da existência. **Sementes, Cadernos de Pesquisa**. V.1, n.1, (jan/dez. 2000). Salvador: Departamento de Educação UNEB.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: MEC: Secretaria da Educação, 2001.

SILVA, Valdélis Santos. **Rio das Rãs à luz da noção de Quilombo**. **Afro-Ásia**, n.23, 1999, p.267-295. Salvador, UFBA.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil/Muniz Sodré-Rio de Janeiro: Codecri p-124, 1983.